

A INEFICÁCIA DO BOM-SENSO

O bom senso é essencialmente *realista* na conduta; e não o é menos (mas numa outra acepção muito diferente) no pensamento. E estes realismos simplistas são a antítese da objectividade (1). — Realismo ingénuo que a idea — hoje insustentável — de que a cada órgão sensorial (vista, ouvido, cheiro, ...) *devia* corresponder um fenómeno físico particular.

Realismo ingénuo, que a opinião segundo a qual o tacto *deveria* informar-nos directamente sobre a temperatura. O testemunho dos olhos é talvez um dos menos seguros que nós possuímos: em cada instante, nós vemos coisas que não existem, mesmo se a educação dos nossos sentidos foi impecável; tais são as *imagens acidentais*, sensações luminosas, percebidas sem que a retina receba luz (2). E' o bom senso que nos ensina «que a terra é fixa, que o Sol gira em volta dela e que os homens que vivem nos antípodas andam de cabeça para baixo» (Anatole France). E' também fazendo funcionar o bom senso que um literato (3) escreveu outrora no Temps: «os camponeses bretões são tão ignorantes que crêem na influência da Lua sobre as marés». Henry Poincaré, afirmava muito pretentamente: «é preciso desconfiarmos deste instinto obscuro que nós chamamos bom senso (4)». E' dando a palavra às pessoas de bom senso que êle lhes faz dizer: «A probabilidade, oposta à certeza, é aquilo que se não sabe, e como se pode calcular

(1) O realismo é uma das formas do antropomorfismo; o finalismo e o vitalismo são duas outras.

(2) Estas frases são do grande sábio Robert Andrews Milikan, que acrescenta: «o que há de mais certo, são as relações que o espírito reconhece como consequências lógicas duma medida precisa».

(3) Francisco Swrcey. Digno sucessor de Jules Janin, que, como se sabe, gratificou o komard com o nome de *cardéal dos mares*.

(4) «A ciência começou onde o bom senso acaba» (Jean Pelsencer). Charles Serrus emprega exactamente a mesma frase completando: «Crê-se muitas vezes que os dados do bom senso são o ponto de partida e o fundamento da ciência; mas é mais verdadeiro dizer que êles são a ilusão inicial, que a ciência tem o direito e o dever de relevar». Podemos concordar com a frase de Comte: «A ciência é o prolongamento do bom senso Universal», porque não será a astrofísica o *prolongamento* da astrologia?

aquilo que se não conhece? «E encontra-se uma proporção extraordinária de pessoas, para quem é uma evidência que quando vermelho (na roleta) saiu 5 vezes a seguir, negro, na parada seguinte, tem um pouquinho mais de possibilidade de sair que vermelho (1).

Em opposição com as frases redigidas pelos filósofos, deve-se dizer que uma afirmação é *evidente* para quem a analisou muitas vezes (2): a evidência não é mais do que um longo hábito, que não presume em nada do valor objectivo do que se afirma. — Começa-se a conceber, parece, que o bom senso é *inoperante*, quando se trata de resolver problemas complexos: «o pensamento de todos os dias e o bom senso não são de nenhuma utilidade para compreender o Universo» (Alexander W. Stern). Como indica um dos grandes físicos contemporâneos, Paulo Dirze, «as novas teorias são construídas partindo de conceitos que não podem ser descritos por meio de noções que nos são familiares e das quais não podemos mesmo precisar o conteúdo por meio de palavras existentes».

O que não deve surpreender muito, se se notar que as línguas empregadas sobre a terra não são formadas senão pelos «detritos irreconhecíveis dos sinais, pelos quais os selvagens exprimiam as suas alegrias, os seus desejos e os seus receios» (Anatole France). Em cada instante a ciência moderna entra em conflito com o bom senso, que por inconsistentes objecções, se insurge contra as concepções novas: os defensores do bom senso, (tais como Henri Bergson, Daniel Berthelot ou Ernest Esclaudon, entre tantos outros) são os advogados duma péssima causa... Com a parte de orgulho que nós aí notamos, o bom senso fala por vezes, com a satisfação (ou de seu corajamento), da variabilidade das teorias, das suas *ruínas*

(1) Este absurdo é cometido mesmo por matemáticos que eu poderia designar; êle provém de que não se compreendeu bem que uma probabilidade não é a mesma em qualquer momento.

(2) A mesma verificação foi retomada por diversos autores: «afirmar que uma teoria é evidente, quer dizer: *há já muito tempo que eu a aprendi* (Philip Frank). «Aquilo a que nós chamamos evidência não é, geralmente, mais que o resíduo duma experiência ancestral, limitada e grosseira» (Edmond Bauer).